



OEIRAS POR MEIO DAS CARTAS DE POSSIDÔNIO QUEIROZ

Francisco Alcides do Nascimento*
Universidade Federal do Piauí(UFPI)
falcide@uol.com.br

RESUMO: A cidade apresenta-se como desafio, problema a ser interpretado, compreendido como objeto de estudo; e, por ser também objeto de múltiplos saberes, discursos e olhares, a partir dela se constroem múltiplas imagens, que têm como suporte a arquitetura, a publicidade, a fotografia, o cartaz, o selo, a pintura, a literatura, correspondências. Isto para citar alguns dos registros com os quais o historiador trabalha em sua oficina. O presente artigo discorre acerca das cartas escritas em e sobre Oeiras (PI), na década de 1980, pelo intelectual Possidônio Queiroz. Para a construção do texto, destacamos o fato de Possidônio Queiroz ter cantado esta cidade em música, crônicas, discursos, conferências, saudações e cartas, e, mesmo assim, ter sido esquecido. Contudo, tendo em vista que a fonte “cartas” ainda não foi explorada, temos a pretensão de anunciar seu uso na construção da narrativa historiográfica para destacar as Oeiras de Possidônio.

PALAVRAS-CHAVES: Oeiras – Imagem – Cartas – Narrativa Historiográfica – Memória.

ABSTRACT: The city presents itself as a challenge problem to be Interpreted, the Understood an object of study, and Also for being the subject of multiple knowledges, discourses and looks, it is constructed from multiple images, Which are supported by the architecture, advertising , photography, poster, stamp, painting, literature, correspondence. This is to name a few records with the historian Which works in his workshop. This article talks about the letters written in and about Oeiras (PI), in the 1980s, the intellectual Possidônio Queiroz. For the construction of the text, highlight the fact Possidônio Queiroz have sung this song in town, chronicles, speeches, lectures, and greetings cards, and even then it was forgotten. However, considering the source That "letters" Has not Been Explored, our intention to announce its use in the construction of narrative historiography to highlight Possidônio of Oeiras.

KEYWORD: Oeiras – Picture – Letters – Historiographic Narrative – Memory.

Iniciamos o texto, lembrando uma analogia feita por Canevacci,¹ em **A cidade polifônica**. Este autor compara a cidade ao coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, se relacionam e se sobrepõem umas às outras,

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal do Piauí.

¹ CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Nobel, 1993.

isolando-se ou contrastando-se. A pretensão nesta comunicação é cantar Oeiras, cidade localizada no centro/sul do Estado do Piauí, a aproximadamente 340 quilômetros de Teresina (PI). A ideia de polifonia nos veio à cabeça porque tomamos emprestado o canto de Possidônio Queiroz para, através dele, e com ele, construir uma narrativa historiográfica que tem como foco uma cidade sertaneja que, não por acaso, foi a primeira vila, a primeira cidade, a primeira Capital da Província do Piauí. Como são dois cantos, prioritariamente, mas não os únicos, podemos empregar a expressão polifonia. Devemos acrescentar, entretanto, como propõe José Carlos Reis, que “entre sujeito e o objeto do conhecimento há uma inultrapassável distância temporal, uma barreira invisível, apenas perceptível em documentos, vestígios, testemunhos, sempre precários, lacunares, arruinados, e muitas vezes estrategicamente depositados”.²

Oeiras foi a primeira capital da Província do Piauí; perdeu esta posição em meados do século XIX, quando a sede do governo foi transferida para a cidade de Teresina, localizada na região central do território piauiense. Naquela oportunidade, a transferência foi justificada em razão de a última cidade estar localizada às margens do rio Parnaíba, situação que permitiria maior contato da Província com as demais províncias brasileiras, bem como a ligação internacional por meio dos portos marítimos de Amaração/PI e Tutoia/MA.

A cidade em tela foi também a primeira vila a ser implantada em território do Piauí, fica no sertão e, à época, situava-se em região de difícil comunicação. Teresina, por sua vez, nasceu entre dois rios, o já mencionado Parnaíba e o Poti, ambos navegáveis. Além disso, o território escolhido para a construção da nova capital possuía terras nas quais a agricultura poderia ser praticada com desenvoltura. Essa crença pode ser encontrada nos escritos de Antonio Saraiva,³ governador da Província na ocasião da transferência.

A cidade de Oeiras pode ser considerada pequena, sua população é de aproximadamente 140.000 habitantes, a economia gira em torno do pequeno comércio, da agricultura familiar e prestação de serviços. É uma cidade que ainda possui traços do período colonial; e, no seu tecido urbano, foram preservados alguns monumentos edificadas no século XVIII, orgulho dos intelectuais da cidade e de parcela de

² REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 98.

³ CHAVES, Monsenhor. **Obra completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

piauienses que a visita por ocasião das festas religiosas. As práticas religiosas desenvolvidas na “primeira Capital” por ocasião da Semana Santa atraem os crentes de várias partes do Brasil. Possui um campus da Universidade Estadual do Piauí, o que de certa forma, tem atraído jovens de municípios circunvizinhos e de outros Estados do Nordeste.

Além das informações sobre a cidade de Oeiras, apresentamos o cantador da cidade, Possidônio Nunes de Queiroz, um homem de estatura baixa, cor negra, tido pelos conterrâneos como um homem inteligente, nascido em Oeiras na Praça do Mercado, em 17 de maio de 1904. Chamou nossa atenção a representação de Possi sobre sua genitora, quando destaca que Dona Francisca Nunes Queiroz, a “Mãe Chiquinha”, não dispensava a presença dos integrantes da família nas principais atividades da Igreja, acordando a todos de madrugada para que assistissem à missa aos domingos. Essa prática de “Mãe Chiquinha” pode ser um indicativo de uma das “Cidades de Possidônio”. Neste caso, devo me lembrar de que, ao produzir um discurso historiográfico, os frequentadores da oficina de Clio o fazem por meio do “conhecimento indireto do passado, não criam uma linguagem específica, mas utilizam sua língua materna, cheia de preconceitos, anacronismos, arcaísmos, equívocos, sentidos múltiplos, conotações, crenças, partidarismos”.⁴

Dagoberto de Carvalho, em texto que historiciza a presença de imagens de Nossa Senhora da Vitória de Oeiras, a padroeira do município, destaca os “aceitos de boa fé e o zelo religioso dos que ao longo de duzentos anos guardaram para as igrejas muitas de suas imagens”. Considerando ainda que a cidade sedia um dos momentos religiosos mais festejados do Piauí, a “Semana Santa” (Procissão do Fogaréu e do Senhor Morto); e no Natal ainda é comum a presença de presépios espalhados por residências particulares. Pelo exposto, pressupomos que “Mãe Chiquinha” formou os filhos a partir das regras estabelecidas pela Igreja Católica, ajudando a cidade na manutenção da tradição de ter seus filhos praticando a religião do papa Bento XVI.

Possidônio Nunes Queiroz iniciou o Ensino Fundamental aos sete anos de idade, em uma pequena escola particular, pois a cidade não possuía escola pública, fato comum no Piauí naquela oportunidade. Essa situação começou a mudar com o interventor Landri Sales (1931-35), quando este governante tomou a decisão política de

⁴ REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 99.

construir um prédio escolar na sede dos principais municípios piauienses. A primeira professora de Possidônio, Dona Quininha Campos, não dispensava a palmatória no desasramento de seus alunos, método pedagógico empregado em escolas particulares ainda na década de 1960, no subúrbio de Teresina.

Os estudos de Possidônio continuaram a ser realizados por professores particulares, até que se criou o Externato Oeirense, obra de João Ribeiro de Carvalho, onde Queiroz foi matriculado. Nessa escola, pela dedicação e esforço do aluno terem sido avaliados de forma positiva, passou à condição de colaborador da escola, uma espécie de monitor que apoiava colegas em disciplinas que possuía maior domínio.

Mesmo tendo escolhido Oeiras como a cidade em que deveria morar por toda sua vida, passou uma curta temporada em Teresina, onde pretendia continuar os estudos. Entretanto, adoeceu, e teve que retornar à primeira Capital do Piauí, de onde só saía para tratar de assuntos comerciais ou para tratamento de doenças, muito raramente para atividades sociais. Desde muito cedo, demonstrou simpatia pela música. Ficava horas a fio ouvindo os ensaios das bandinhas mantidas pela Prefeitura. Apaixonou-se pela flauta, instrumento que foi transformado em parceiro de muitas serenatas, composição de valsas e de sessões solenes. A Sra. Conceição de Maria Tapety e Silva denuncia que Possidônio Queiroz:

[...] estava sempre pronto a atender às solicitações dos amigos, lá estava ele, ora compondo músicas para os grandes eventos, ora fazendo conferência saudando personagens ilustres, elaborando estatutos, escrevendo discursos e cartas para terceiros, advogando, presidindo comissões, enfim contribuindo com sua inteligência em todos os acontecimentos da antiga capital.⁵

Retomamos a analogia feita, entre a cidade e um coro, por Cavenacci no início do texto, para dizer que Oeiras foi e continua a ser cantada por poetas, escritores, intelectuais e gente menos titulada, como pode ser atestado por Ferrer Freitas, tratando daquilo que chamou de “Patrimônio Histórico de Oeiras”, ao destacar que:

[...] desapareceu da paisagem oeirense a Cadeia Pública, mais conhecida como Cadeia Velha. Se ainda existisse juntamente com a Catedral, o Sobrado dos Bispos e a Casa do Visconde, constituiriam o mais homogêneo conjunto arquitetônico oeirense, de valor inestimável.⁶

⁵ SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In: **Possidônio Queiroz**. Memória piauiense. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995. p. 13.

⁶ FREITAS, Pedro Ferrer Mendes de. **Solo distante** (crônicas oeirenses). Teresina: Grafiset, 2001. p. 29.

Apesar de tratar da monumentalidade dos edifícios existentes e daqueles que desapareceram, Ferrer Freitas canta a sua Oeiras, tida como “cidade invicta”, “cidade mãe” do Piauí por outros cantadores, dentre os quais Possidônio Queiroz, conforme veremos no corpo deste artigo.

A construção do objeto, motivo deste artigo, nos propôs algumas variáveis, dentre as quais destacamos o fato de considerar que Possidônio Queiroz, não obstante sua importância por seus feitos em Oeiras, foi esquecido; a cidade de Oeiras é cantada por Possi em música, crônicas, discursos, conferências, saudações e cartas, mas pelo menos este último tipo de fonte ainda não foi explorado e este artigo tem a pretensão de anunciar o seu uso na construção da narrativa historiográfica; dito de outro modo, este texto utiliza a *escrita de si* para destacar as Oeiras de Possidônio.

Fazer perguntas é parte do ofício do historiador; foi com essa preocupação que formulamos as questões que norteiam este texto, quais sejam: Quais as razões que levaram Possidônio Queiroz a escrever cartas para pessoas de vários locais do país e tratando dos mais variados assuntos? De que forma as correspondências de Possidônio tratavam a cidade de Oeiras e sobre quais temas travavam? Recordamos que o título da comunicação é “Oeiras através das cartas de Possidônio Queiroz”; por conseguinte, o foco de nossa pesquisa para este artigo é a cidade de Oeiras e as cartas escritas por Possi, as principais fontes de pesquisa.

As cartas utilizadas neste artigo chegaram às nossas mãos através de um de neto de Possidônio Queiroz, Rodrigo Queiroz, que atualmente é um dos “guardiães da memória” do avô. Esta informação se faz necessária, uma vez que as referidas missivas fazem parte de um arquivo privado, que, na opinião de Christophe Prochasson, “pendem para o lado da intimidade, na medida em que foram chamados, no momento de sua elaboração, a atingir um nível de oficialidade ou de notoriedade que caracteriza os dois outros tipos de arquivos”.⁷ No caso em tela, as cartas não entraram na construção desta narrativa à revelia do guardião das fontes indicadas, fato comum; daí as dificuldades que os historiadores por vezes encontram junto aos detentores de tais arquivos, que

⁷ PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade. Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-118, jul./dez. 1998.

hesitam em divulgá-los, sobretudo quando se trata de publicá-los, total ou parcialmente”.⁸

As cartas, neste artigo, não são empregadas como objeto de estudo, mas sim como fontes. Contudo, pode-se e deve-se perguntar: — O que é uma carta? Ancoro-me em Ângela de Castro Gomes,⁹ quando esta avalia “que cartas são necessariamente escritas para um destinatário, seja uma única e particular pessoa, seja um conjunto maior de leitores, conhecido ou não pelo remetente, que, por sua vez também pode ser um indivíduo ou um coletivo”. E continua Ângela Maria Gomes, “mas em geral as cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um “pacto epistolar”, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos”.

A expressão “pacto epistolar” foi colocada entre aspas duplas por ele poder ser rompido, especialmente em um país onde grande parcela da população ainda não sabe escrever, e as cartas podem ser escritas por uma terceira pessoa. Os possíveis leitores deste artigo, que assistiram ao filme **Central do Brasil**, devem lembrar-se de que este teve como uma de seus protagonistas a atriz Fernanda Montenegro, no papel de uma mulher que escrevia cartas para pessoas que não sabiam ler, e seu lugar de trabalho era a própria Estação. Neste caso, as cartas não eram lidas pelos destinatários, uma vez que não eram enviadas. Por fim, a personagem vivida por Fernanda Montenegro transformava-se em uma espécie de “porta-voz” dos dois correspondentes.

A mesma Ângela de Castro Gomes na obra **Escrita de si, escrita da história**, livro do qual foi organizadora, destaca a correspondência pessoal como suporte para o registro sobre o “cotidiano, o corpo (saúde/doenças) e os “sentimentos da alma”.¹⁰ Alerta também para as dificuldades em se trabalhar com a escrita de si. Avalia que a correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dispersa e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar”.

Precisamos esclarecer que, apesar de trabalhar com cartas neste artigo, não nos foi imposta nenhuma barreira às cartas remetidas por Possidônio nem àquelas por ele

⁸ Ibid.

⁹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

¹⁰ Ibid.

recebidas. Como já havia indicado, o volume de cartas expedidas pelo autor das missivas é abundante e variado, além de ser fragmentado, como destacou Ângela de Castro Gomes. Enfatizamos que as cartas aqui serão empregadas como fontes e não como objeto de estudo. A maioria das cartas aqui utilizadas data da década de 1980. A seleção das correspondências está relacionada com a temática tratada nelas, no caso, a cidade de Oeiras.

Sobre este mesmo tipo de fonte empregada na comunicação, Michel Foucault aponta que a carta pode ser vista como o escritor “presente” para aquele a quem ele envia, ou seja, o destinatário. “É presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física”.¹¹

Neste mesmo caminho, Foucault atesta que escrever é, portanto,

se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face.¹²

Em carta endereçada a Francisco Queiroz, um de seus filhos, que morava no Rio de Janeiro, datada de 11 de fevereiro de 1973, Possidônio noticia que havia recebido um telegrama, no qual o referido filho solicitava o envio de uma flauta. Destaca que há muito tempo não via a flauta em questão, mas depois de rápida avaliação do instrumento relata: “Parece que ainda está boa. Creio que as sapatilhas não precisam ser mudadas por já. Não sei. Aí, você verificará”.

Tendo sido companheira de Possidônio de muitas e variadas jornadas na cidade, a flauta parece ganhar vida na escrita, quando o músico conta, na hora da despedida: “tentei arrancar algumas notas, mas a contragosto verifiquei que a flauta já me não conhecia, ela que outrora foi uma amiga quase inseparável [...] Hoje me não quis satisfazer. Também há mais de doze anos que não tocava”. Parece haver certa melancolia na informação do missivista acerca de sua falta de contato com o instrumento que lhe acompanhou por quase a vida inteira, parecia um casamento que havia chegado ao fim e as lembranças de um passado feliz provocavam dor.

¹¹ FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. MOTTA, Manuel de Barros da (Org.). Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 156.

¹² Ibid.

Pensamos ser necessário lembrar de que a flauta referida é um artefato, e que pode ser pensado como um documento que registrou alguns momentos da cidade considerados significativos para o músico. Possidônio parece indicar que o instrumento musical faz parte de sua vida, mas não apenas dela, mas também de Oeiras. Afinal, ela participou da construção de inúmeras valsas, hinos e serenatas. Os hinos estão relacionados a datas comemorativas da cidade. As serestas quebraram o silêncio das noites de Oeiras durante muito tempo, e não há registro de que tenham sido interrompidas por agentes do Estado, seja a polícia, seja a justiça. Ulpiano Rodrigues afirma que “o artefato está no jogo social, e esse jogo social tem que ser entendido em todas as dimensões e a dimensão material é uma delas”.¹³

Acreditamos, também, que ao tratar sobre a flauta faz-se necessário lembrarmos da relação entre história e memória. Possidônio recorda que o instrumento musical “outrora foi uma amiga quase inseparável”. E completa: “há mais de doze anos que não tocava”. A flauta e Possidônio têm sua história, ambos fazem parte da história de Oeiras. Contudo, o músico não foi verificar apontamentos escritos que estivessem ligados ao companheirismo entre o homem e o instrumento musical. Possi apenas recorda.

Marieta de Moraes Ferreira argumenta que a “valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente”.¹⁴ Deste modo, acrescentamos que permitiu aos historiadores lidar de forma mais crítica e criteriosa com os usos do passado na história do tempo presente.

A mesma autora avalia que Pierre Nora tem uma contribuição relevante sobre a discussão em tela. Defende este autor que distingue história de memória, avaliando que são “coisas” distintas. A história produz um conhecimento com características relacionadas à racionalidade, na medida em que realiza a análise crítica das fontes, produz uma exposição “lógica dos acontecimentos e vidas do passado”.¹⁵ A memória,

¹³ MENESES DE, Ulpiano Toledo Bezerra. Entrevista concedida a **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 24, n. 48, jul./dez, p. 422, 2011.

¹⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. In: **Topoi**. Rio de Janeiro, p. 314-332, 2002.

¹⁵ Ibid.

por seu turno, também é uma construção do passado; entretanto, se pauta em “emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz das experiências subsequentes e das necessidades do presente”.¹⁶

A carta narra detalhes do dia da separação entre o músico e o instrumento musical, a narrativa envolve outros integrantes, entre os quais os netos, e, entre estes, um que Possidônio acreditava ter pendores para a música. A carta retrata um dia, e, sobre a narrativa de um dia, Foucault tem a seguinte opinião:

A carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia — não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente quando ele não é senão semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser — faz parte da prática epistolar: um dia que alguém dedica-se a ocupar-se de si mesmo.¹⁷

Naquela data, a carta deixa vestígios, o autor da correspondência tirou o seu dia para se despedir da flauta, companheira de tantas jornadas: inspecionou as sapatilhas do instrumento, tentou tirar algumas notas, deixou que os netos pequenos a manuseassem, por fim, acondicionou-a em um pacote, de forma que a viagem para o Rio de Janeiro não pudesse causar nenhum dano.

Sobre a cidade propriamente dita na carta em tela, o missivista é superficial, informa que nela não há nada de novo, a não ser a posse do prefeito eleito, o Dr. Pedro Freitas, substituindo o Dr. Juarez Tapety. É provável que, vivendo sob a bota dos militares, as eleições municipais não provocassem o mesmo impacto na vida dos moradores de Oeiras, as disputas tornavam-se menos acirradas. No caso específico, saiu Juarez Tapety e assumiu Pedro Freitas, primo daquele; portanto, não deve ter havido disputa que fizesse jus à expressão nas eleições de cidades pequenas espalhadas por este Brasil.

Em 10 de dezembro de 1989, Possidônio Queiroz respondeu a uma carta de Francisco Cunha e Silva, professor, articulista de vários jornais de Teresina, autor de livros como **Copa e Cozinha**, no qual trata de fatos relacionados à política partidária local e integrante da Academia Piauiense de Letras (APL). A forma como inicia a carta

¹⁶ Ibid.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. MOTTA, Manuel de Barros da (Org.). Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 159.

é um indicativo de que a campanha eleitoral para presidente da República estava repercutindo na cidade de forma acalorada e ideologicamente “estruturada”. Possidônio abre assim a escrita da carta:

Correu por aqui a notícia que o candidato à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, teria votado para que se retirasse o nome de Deus do preâmbulo da Constituição Federal. A notícia que apareceu como verdadeira chocou muitas pessoas que não desejam votar num homem que dizem sem Deus.¹⁸

A população de Oeiras do mesmo modo que a da maioria das cidades do Piauí é católica. Naquela campanha eleitoral ainda se empregou o estigma do *comunismo* como forma de afastar os católicos dos candidatos ditos de esquerda. Campanhas mais acirradas contra o *comunismo* tinham sido desenvolvidas das décadas de 1950 e 1960 no Piauí, contra Francisco das Chagas Rodrigues (1959-1962); e, na sequência, quando do desfecho do Golpe de 1964, nem o bispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, escapou da pecha de comunista. Mesmo após a ditadura civil-militar, o fantasma do comunismo estava presente nas campanhas eleitorais, quando a direita reacionária se sentia ameaçada por um candidato tido de esquerda. Assim, é compreensível a reação de Possidônio Queiroz, que, apesar de ser um homem informado, era católico e seguia a ala mais conservadora da Igreja Católica.

É possível que os oeirenses, dentre eles Queiroz, crentes em Deus tenham mesmo repudiado a manifestação de Luiz Inácio Lula da Silva, e Possi, na condição de articulista de jornais, morando em uma cidade pequena, podia repercutir tal indignação. Além disso, divulgava fora dos limites de Oeiras suas inquietações ao arguir um de seus pares sobre a repercussão do tema em Teresina. Tentava capturar a representação de outro, no caso, articulista e escritor, já mencionado, Francisco Cunha e Silva.

Possidônio Queiroz faz questão de lembrar ao missivista que o Brasil era um país cristão que nasceu sob o signo da fé. Provavelmente, como professor e historiador, grafou que o País havia nascido “Terra de Santa Cruz”, e só posteriormente receberia o nome de Brasil. A tela de Victor Meirelles, a **Primeira Missa no Brasil**, conhecida por uma parcela grande de brasileiros demonstra que o País nasceu “abençoado por Deus” e este Deus é aquele defendido pelos cristãos, entre os quais os católicos. Pode-se lembrar também de que a Carta de Pero Vaz de Caminha, além de descrever as novas terras, noticia a missa de “posse da terra”.

¹⁸ Carta de Possidônio Nunes de Queiroz a Francisco Cunha e Silva, 10 de dezembro de 1989.

Possidônio, para fortalecer ainda mais seu argumento, lembra-se de uma frase atribuída ao presidente Getúlio Vargas em 1939, saudando o Episcopado brasileiro, no Rio de Janeiro, então capital da República, por ocasião da primeira reunião plenária dos bispos da “Terra de Santa Cruz.” É emblemático que ele não tenha dito “primeira reunião plenária dos bispos do Brasil” e sim “da Terra de Santa Cruz”.

No final da carta, Possidônio Queiroz, se reportando às “ideias democráticas” do professor Francisco Cunha e Silva, formula duas perguntas a este, quais sejam: “1) O deputado Luiz Inácio Lula da Silva foi autor da proposição mandando tirar o nome de Deus do Preâmbulo da Constituição brasileira? 2) Se não foi o autor, assinou a referida proposição, em vez de combatê-la?” Não localizamos a carta resposta de Cunha e Silva, daí nossa dificuldade em saber em quais termos o diálogo entre os dois prosperou. Entretanto, é perceptível que naquela oportunidade, Queiroz teve todos os argumentos para não votar em Lula; também não sabemos quem foi o seu candidato, mas é razoável pensar que o seu voto tenha sido dado ao adversário de Luiz Inácio da Silva.

Possidônio em carta dirigida ao presidente da Academia Piauiense de Letras, datada de 28 de julho de 1988, denuncia a presença de Fontes Ibiapina em Oeiras, escritor piauiense com um número significativo de obras publicadas. Informa o autor da carta que sempre que Fontes Ibiapina ia a Oeiras solicitava a Possi que atuasse como uma espécie de secretário daquele. Chama a atenção a carta de Possidônio pela crueza que trata do motivo da ida de Fontes Ibiapina a Oeiras. Informa que este, na última vez em que estivera na cidade, “estava doente de uma perna. Disse-me que estava amealhando recursos para uma operação cirúrgica. Andava vendendo livros — suas obras. Andando pelos colégios, escola normal, casas de comerciantes inteligentes, intelectuais etc.” Fontes Ibiapina era juiz de Direito, na ocasião, aposentado.

Como disse antes, Possidônio Queiroz manteve correspondência com muitas pessoas; e, em carta de 19 de maio de 1988, endereçada a Anita Leocádia Prestes, recorda da visita que a professora havia feito a Oeiras em julho de 1987. Logo no primeiro parágrafo, destaca que a filha de Luiz Carlos Prestes, apesar do pouco tempo de permanência na Primeira Capital, conquistara “a admiração e benquerença, a alma dos habitantes de minha terra. Fez V. Exa. aqui muitos admiradores. Arrolo-me, com cívico desvanecimento e humildade entre eles”. Comunica o desejo que a professora continue lendo obras de autores piauienses, enviando junto à carta mais um livro, **Narrativas autobiográficas**, de Bugyja Brito, escritor que nasceu em Oeiras, mas

radicado no Rio de Janeiro. Deixa claro que a oferta era do Instituto Histórico de Oeiras, instituição cultural que Possidônio havia presidido por dois anos. Lembra ainda de que fora a instituição que promovera a homenagem a Luiz Carlos Prestes em julho do ano anterior.

Ao historicizar o acontecimento, afirma que à referida sessão compareceram todas as forças expressivas de Oeiras: “Dr. Juiz de Direito da Comarca, Prefeito Municipal, presidente da Câmara de Vereadores, Edis, Intelectuais, Professores, Estudantes, Sociedade Oeirense, o Povo, pois que a alma coletiva de Oeiras o prestigiou”. Anuncia também a presença do presidente da Academia Piauiense de Letras, Arimathéa Tito Filho e esposa, da chefe do cerimonial do Palácio de Karnak, Genu Aguiar Correia, além dos professores Dr. Vilmar Soares e Benedito de Carvalho Nunes, aquele da Universidade do Rio de Janeiro, e este da Universidade do Piauí.

Em outra carta de Possidônio Queiroz endereçada à Anita Leocádia Prestes, datada de 8 de agosto de 1987, noticia o recebimento de correspondência da filha de Prestes, do início do mesmo mês, e agradece pelo envio de fotografia que registrou as imagens de Luís Carlos Prestes e Possidônio Queiroz, juntos em Oeiras, mais precisamente na “Pousada do Cônego”. Prestes havia sido homenageado pelo Instituto Histórico de Oeiras, conforme dito anteriormente. Naquela oportunidade, segundo relatado em carta já empregada neste artigo, Anita Prestes estava presente, e acompanhava o pai.

Possidônio informa a sua correspondente: “a foto ficará guardada entre os meus melhores documentos, como lembrança da passagem, em Oeiras, pela segunda vez, do verão notável que tanto tem sofrido pelo seu ideal irreversível, de ver um Brasil mais forte, humano, sobretudo justo”. A frase que denuncia a passagem de Prestes pela segunda vez em Oeiras alude ao ano de 1925, quando a Coluna Prestes atravessou o território do Piauí. Sobre esta passagem, Possi ouviu e participou da construção da memória coletiva sobre o tema. Deve ter ouvido que moradores da cidade se esconderam na mata e grutas com medo dos “revoltosos”, assim chamados os integrantes da Coluna Prestes. Sobre a expressão memória coletiva, Maurice Halbwachs nos ajuda na compreensão de sua construção:

Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias que cada um de nós lembramos (e que não as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e

acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro.¹⁹

Voltando à correspondência em tela, Possidônio Queiroz relata que ele e sua flauta estiveram presentes nos saraus realizados pelos “revoltosos” durante a semana em que a Coluna Prestes ou parte dela estacionou em Oeiras. O músico e sua flauta animaram homens cansados de longas caminhadas e da perseguição implementada pelo Exército e Polícias estaduais, além daquela realizada pelos jagunços a serviço dos grandes proprietários de terra. Após a Coluna levantar acampamento da cidade, homens, mulheres e crianças que haviam se evadido voltaram. Suas aventuras e desventuras passaram a ser narradas por noites a fio. Possidônio participou de tais conversas, lembrando para si e para os outros daqueles momentos de tensão que experimentaram; e, desta forma, as representações do autor da missiva sobre a passagem da Coluna Prestes se fortalecem. Às vezes, lembrava-se do acontecimento junto com outros oeirenses.

Mais recentemente, e em torno da vinda de Prestes e de Anita Prestes a Oeiras, tema tratado neste texto, esta tomou conhecimento da existência de um mapa doado por Luiz Carlos Prestes a um integrante da família Tapety, e tentou conseguir pelo menos uma cópia para anexar a um livro que deveria publicar sobre o assunto. Arimathéa Tito Filho em Teresina e Possidônio Queiroz em Oeiras envidaram esforços para consegui-lo, mas não foram bem-sucedidos; e, neste caso, Possi não pôde ajudar sua correspondente. Cumpre destacar, entretanto, que Queiroz não perde uma oportunidade para apontar em seus escritos informações históricas, sobre Oeiras, que avalia serem relevantes aos leitores de suas cartas, artigos, crônicas e conferências. Talvez se pudesse dizer que Possi cumpriu o papel de “guardião da memória”²⁰ de Oeiras.

Queiroz derrama-se em elogios à Anita Prestes. Destaca que a carta desta trouxe para ele grande prazer espiritual:

[...] pela sua afirmativa de que lhe serão inesquecíveis, e ao seu valoroso genitor, os dias passados no Piauí, sobretudo em Oeiras, e ainda por haver asseverado que o Líder, Chefe da Coluna que tem o

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-30.

²⁰ Cf. GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 9, n.1 e 2, p.17-30, jan./dez. 1996.

seu nome, e que está inserida na História do Brasil, recebeu com agrado, emocionadamente, as homenagens que foram prestadas aqui.²¹

O maior volume de cartas arroladas no levantamento realizado pelo autor da comunicação é aquele trocado entre Possidônio Queiroz e A. Tito Filho. Em carta do dia 9 de setembro de 1987, endereçada a Arimathéa Tito Filho, relembra que, após a queda de Vargas e a apresentação dos candidatos à Presidência da República, “Oeiras, quase em peso, voltou-se para a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes”. Dá conta de que os comícios realizados na “Cidade Invicta” eram animados e vibrantes. Relembra, ainda, que, em um deles, “personalidades proeminentes do mundo mafrensinho”²² vieram naqueles dias, a terra de Costa Alvarenga.²³ Entre eles o egrégio desembargador José de Arimathéa Tito. Este, por ter se contraposto a indicação de um irmão do interventor Leônidas de Castro Melo (1937-1945) para o Tribunal de Justiça do Piauí, foi aposentado compulsoriamente, sendo esta uma das motivações de o desembargador ter-se transformado em um dos maiores adversários do interventor e uma das personalidades mais respeitadas da União Democrática Nacional no Piauí.

Ficou, para o autor deste artigo, a impressão de que a motivação maior da escrita da carta foi Possi ter encontrado um soneto escrito por Arimathéa Tito, quando este participou de comício realizado em Oeiras, no dia 22 de abril de 1945. Queiroz ficou tomado pelo desejo de informar a Arimathéa Tito Filho “sua descoberta”. Relata Possidônio: “encontrei agora em meus papéis o soneto supracitado, que lhe envio, como uma pálida mais ardente homenagem ao imortal Desembargador José Arimathéa Tito e ao seu não menos ilustre Filho, o Colendo presidente da Academia Piauiense de Letras”.

Ao encontrar um soneto, Possidônio lembra-se de uma campanha eleitoral já mencionada, e, no interior desta, de um desembargador conhecido em todo o Piauí não apenas pelo seu trabalho no Judiciário, mas também como professor da Faculdade de Direito do Piauí, como articulista de jornais da cidade e muito especialmente por ter sido aposentado compulsoriamente pelo interventor federal Leônidas de Castro Melo, como se apontou ainda há pouco.

²¹ Carta de Possidônio Nunes de Queiroz à Anita Prestes, 8 de agosto de 1987.

²² O Piauí é também chamado de “Terra de Mafrense”, alusão a um dos primeiros grandes posseiros do Piauí, por ocasião de sua ocupação territorial, Afonso Mafrense.

²³ Costa Alvarenga é um médico nascido em Oeiras que ganhou destaque em nível internacional, sendo motivo de orgulho dos filhos de Oeiras.

Queiroz assinala que a comitiva udenista e Arimathéa Tito foram recebidos por centenas de pessoas no antigo Campo do Jureni. Os udenistas de Oeiras e simpatizantes do brigadeiro Eduardo Gomes acompanharam a comitiva até o hotel, e, deste, para o local onde se realizou o comício, Praça da Bandeira. Possidônio cria uma imagem muito positiva do principal orador daquele evento:

Orador fecundo, decerto, trazia as atenções presas do seu verbo iluminado e os corações abrasados de amor pela causa do Brigadeiro. Mas o notável jurista não era apenas Mestre na Ciência em que esplenderam Teixeira de Freitas e Rui Barbosa e outros. Era também poeta inspirado, escrevendo com aprumo na arte de Bilac, poemas e sonetos admiráveis.²⁴

Na mesma correspondência, Possidônio, ao demonstrar certo desconforto, denuncia que Oeiras, na década de 1940, recebia aviões duas vezes por semana “que desciam em nosso campo, situado na parte leste da cidade, nas proximidades do Morro do Leme [...]. Hoje o local do velho campo está ocupado por ruas, avenidas praças”. Quando escreveu a carta em tela, a cidade não recebia aviões, a não ser aqueles de propriedade de filhos abastados de Oeiras, ou quando um filho da terra de Costa Alvarenga adocece e familiares podem pagar o traslado do doente para Teresina ou para outro Estado onde os recursos médicos sejam maiores e melhores do que aqueles existentes na cidade.

Em março de 1987, Queiroz escreveu carta ao presidente da Academia Piauiense de Letras, Arimathéa Tito Filho. O autor da missiva deixa clara a ideia de construção de certa memória e de uma determinada história que trate das chamadas grandes “personalidades” do Piauí. A carta em questão teve como motivo as homenagens prestadas em memória a Arimathéa Tito, pai do seu correspondente, pela passagem do primeiro centenário de nascimento do homenageado. O autor da carta anotou que o homenageado tinha feito muito pelo Piauí, seja no “campo” da cultura, seja no âmbito da justiça “por cujo prestígio lutou a vida inteira, sofrendo, por isso, os maiores dissabores.” Defende:

A memória dos grandes homens deve ser cultuada, para que os seus feitos e o seu exemplo inspirem os que os sucedem, a fim de que, imitando-os, seguindo as suas pegadas, laborem diuturna e conscienciosamente pelo equilíbrio da Sociedade, pela grandeza da terra comum.” [...] Consinta-me levar-lhe aqui, a expressão do meu contentamento cívico, como parcela do povo piauiense, que admira,

²⁴ Carta de Possidônio Nunes de Queiroz a Arimathéa Tito Filho, 9 de setembro de 1987.

honra e cultua os nossos maiores, os que escreveram páginas da história deste pobre rincão de nossa pátria.²⁵

Possidônio era um homem do seu tempo, católico, morando em uma cidade pequena, viveu sob o tacão de duas ditaduras, a varguista (1937-1945) e a civil/militar implantada em março de 1964; foi professor, conferencista e historiador. Ocupando este último papel social, narrou sobre a história do Piauí e de Oeiras quase sempre fazendo reverências a grandes figuras que se destacaram na vida política e cultural do Piauí e da “terra mãe do Piauí”, Oeiras, como gostava de frisar. Por outro lado, sendo um autodidata e um leitor compulsivo de todos os gêneros literários e historiográficos, acreditamos que deve ter lido biografias, traços biográficos, autobiografias; além de defender a história como mestra da vida, como ficou patente no extrato da carta supramencionada.

Noutra carta endereçada a Arimathéa Tito Filho, dá conta de que recebeu o segundo volume de Apontamentos biográficos e outros de um integrante da Academia Piauiense de Letras, o Monsenhor Chaves. No final da correspondência, ao agradecer o envio do livro, declara: “Muito grato ao caríssimo Prof. A. TITO FILHO. Embora não tenha tido a sorte de ler o primeiro, este segundo volume me vai pôr a par, na pena do virtuoso Sacerdote, da vida de homens que muito honraram a nossa Pátria e enobreceram as letras piauienses”. Fica a impressão de que Possidônio Queiroz era adepto dos textos que fizessem reverências aos chamados grandes homens, daqueles textos que narram a vida do homem de forma linear.

Em carta de 29 de outubro de 1987 endereçada a Arimathéa Tito Filho, Queiroz a inicia com pedido de desculpas pela demora em responder à última carta escrita pelo presidente da Academia Piauiense de Letras. Na aludida missiva, ele trata da homenagem, prestada pelo Instituto Histórico de Oeiras, a um dos filhos ilustres da cidade, Bugyja Brito, que morava no Rio de Janeiro. Logo no segundo parágrafo, narra que o

[...] ilustre Oeirense, como sabe, veio acompanhado da Exma. Esposa, Sra. OLÍVIA QUEIROZ BRITO, das filhas Miridan e Therezina, e respectivos maridos: Dr. Edgar Falci e Prof. Geraldo Lopes; das netas Monique e Winefred; da irmã Dra. Iolanda de Britto, hoje freira da Ordem de S. Vicente de Paulo e da cunhada Sra. Maria de Lourdes.²⁶

²⁵ Carta de Possidônio Nunes de Queiroz a Arimathéa Tito Filho, 24 de março de 1987.

²⁶ Carta de Possidônio Nunes de Queiroz a Arimathéa Tito Filho, 29 de outubro de 1987.

É perceptível que o missivista procura detalhar a informação de modo que o seu correspondente sinta a importância do evento. Sobre o homenageado, informa que ele se fez acompanhar de todos os integrantes da família, o que pode significar o peso simbólico atribuído pelo homenageado à solenidade de reconhecimento do seu trabalho como intelectual proposto pelo Instituto Histórico de Oeiras. Queiroz, como um bom narrador que era, destaca o nome da esposa, escrevendo-o em caixa-alta; sobre a irmã do homenageado faz questão de informar que ela era freira e pertencente à Ordem de São Vicente de Paulo. O parágrafo ganha a conotação de nota social, bem assemelhada àquelas muito comuns nas colunas sociais dos jornais diários até a década de 1990.

Sobre a solenidade propriamente dita, Queiroz é direto “quero dizer que foi bonita”. E na sequência fez questão de informar sobre a imagem que o homenageado construiu sobre o evento. “O Dr. Bugyja Brito, no dia seguinte à mesma, em conversa comigo, classificou-a de brilhante”. A solenidade foi presidida pela Profa. Alina Carvalho, na ocasião, ocupando o cargo de primeira vice-presidente do Instituto Histórico de Oeiras, mas a referida professora era também mãe de Dagoberto de Carvalho, um dos fundadores do Instituto.

Para fechar a informação sobre o brilho da solenidade, Queiroz destaca que o auditório estava completamente lotado, “havendo gente de pé nos aposentos imediatos.” Deixou de informar o nome do auditório, mas a solenidade foi realizada nas dependências do União Artística Operária de Oeiras, um auditório com capacidade para, no máximo, cem pessoas, o que pode significar, para uma cidade pequena, um fato social relevante, e que afetou aos segmentos sociais mais envolvidos com a produção cultural das “elites” da cidade. Deve-se esclarecer ainda que o homenageado era filho da terra, mas morava no Rio de Janeiro há muito tempo. Deve-se informar também que Bujyja Brito exerceu várias atividades econômicas, sociais e intelectuais, dentre as quais podem ser destacadas o jornalismo, a advocacia, a literatura. Realizou pesquisas sobre a cultura popular, além de ter escrito sobre a **História do Piauí**. Nascido em Oeiras, em 21 de maio 1907, pertenceu a Academia Piauiense de Letras e ao Instituto Histórico de Oeiras, em cuja revista publicou vários trabalhos. Durante muitos anos, militou na imprensa piauiense, tendo trabalhado no jornal **O Dia**. Foi colaborador do jornal **O Cometa** que circulou em Oeiras na década de 1970.

Ainda sobre a solenidade, Possidônio não deixou de mencionar a presença das autoridades constituídas da cidade. Destaca a participação do prefeito de Oeiras, “o Dr.

Benedito de Carvalho Sá”, compondo a mesa de honra, fato que deixou o missivista satisfeito, afinal, ali estava presente a principal autoridade do município; e, ouvindo-o falar, conforme dito, foi escolhido como orador oficial da solenidade. Mas dissemos também que Possidônio foi escolhido orador oficial de muitas outras solenidades, e escrevia discursos para quem não sabia fazê-los e nem os ler. Vejamos as ausências que também foram registradas: a do presidente do Instituto Histórico de Oeiras e a do médico Benedito Clementino de Siqueira Moura (B. Moura), nascido em Oeiras, mas residia em São Luís (MA), havia se associado à homenagem, mas não pôde ir a Oeiras na oportunidade.

Consideramos necessário informar que Oeiras é destacada com sensibilidade nos escritos de Possidônio, como ficou claro nos trechos de cartas recortados neste artigo. É perceptível o seu apego ao torrão natal. José Expedito Rêgo, em ensaio escrito em 1995, destaca algumas das características que alega ser parte constituinte de Possidônio Queiroz: sábio, autodidata, leitor compulsivo, estudioso da história de Oeiras, mas dominava também aspectos daquilo que alguns historiadores e antropólogos chamam de história popular e outros chamam de folclore (lendas, tradições, anedotas, costumes antigos), amante da terra berço. “Tomou parte destacada em todas as campanhas de vulto aí desenvolvidas, tais como o movimento em favor da criação do Bispado, do primeiro ginásio municipal, a luta acirrada pela conservação do nome de Oeiras”.²⁷

Destacamos a frase “amante da terra berço”, porque, da mesma maneira que Expedito Rêgo, avaliamos que Possidônio Queiroz, apesar de ter sido secretário da Câmara de Vereadores durante décadas, ter organizado e presidido associações de classes das mais diversas, ter escrito discursos para líderes políticos que não sabiam ler e tropeçavam nas palavras, ter orientado alunos, professores, juízes, advogado, diplomatas, ter composto o hino de Oeiras, pois era “músico erudito, virtuose da flauta, compositor extraordinário de valsas e outros ritmos, sempre vazados na mais primorosa melodia. Assinale-se que, por ocasião das comemorações dos 250 anos da catedral de Oeiras, compôs a música de um hino de grande beleza”;²⁸ ainda assim, é pouco lembrado.

²⁷ RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995. p. 14.

²⁸ Ibid.

Voltando à carta, seu quarto parágrafo é iniciado destacando que fora designado orador oficial, “li na minha fala, com muita honra para mim, as credenciais recebidas: da Colenda Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico de Oeiras, através do presidente Dr. Pedro Ferrer, que não pôde vir a esta cidade”. Apresenta as credenciais a ele atribuídas e justifica a ausência do presidente da instituição que presta a homenagem a Bugyja Brito. Aproveita para agradecer ao presidente da Academia Piauiense de Letras, por ter-lhe credenciado como representante oficial daquela instituição na solenidade. Em sua opinião, ter ocupado o lugar de presidente da APL o enalteceu perante a todos naquela noite. “Além do homenageado, falaram também a Dra. Miridan e o Sr. Prefeito Municipal. No fim, e após apagar as velas simbólicas e cortar o bolo de aniversário, ofereceu Bugyja refrigerantes e salgadinhos”. Possidônio Queiroz ficou lisonjeado com o fato de ter sido indicado orador oficial da solenidade; e como representante da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico de Oeiras naquela ocasião.

É necessário destacar que as pessoas citadas no parágrafo anterior foram indicadas porque “usaram da palavra”. Enfatize-se, são estas: Possidônio, Bugyja Brito, Miridan Knox, o prefeito Benedito de Carvalho Sá. Na relação datilografada não constava o nome do advogado Carlos Rúbem Campos Reis, Possidônio fez uma observação de próprio punho, depois de sua assinatura, informando o fato da seguinte forma: “Falou também, na sessão, o Advogado Carlos Rúbem Campos Reis”. Estes tipos de acréscimos são comuns das correspondências conseguidas para a escrita deste artigo.

Voltamos a Michel Foucault, quando este atesta que o “trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica “instrospecção”; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”.²⁹ No caso específico, Possidônio Queiroz, deliberadamente ou não é mais expansivo em seus agradecimentos e elogios aos destinatários; neste caso, o presidente da Academia Piauiense de Letras. As cartas de Arimathéa são quase bilhetes, apesar de

²⁹ FOUCAULT Michel. **Ética, sexualidade e política**. MOTTA, Manuel de Barros da (Org.). Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, op. cit., 2010, p. 157.

os agradecimentos e elogios serem grandiloquentes, como o são em geral entre os missivistas.

Tomamos principalmente algumas cartas de Possidônio Queiroz, escritas na década de 1980, para tecer uma narrativa historiográfica sobre Oeiras. Todavia são múltiplas e variadas as Oeiras que Possidônio representou em suas correspondências. Portanto, Oeiras aparece: como “cidade invicta”, “a cidade que já teve”, a “cidade religiosa”, “a cidade política”. Essas múltiplas cidades nos remetem para **As cidades invisíveis** de Calvino. Lembramo-nos de Zola, por exemplo, sobre a qual o autor denuncia que ela “tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade”.³⁰ Oeiras aparece na memória de Possidônio através de pequenos acontecimentos, pequenos em minha avaliação, mas que fazem sentido para o cronista, uma vez que provocam a rememoração e sua narrativa.

As cidades que procuramos apontar aqui são aquelas que nasceram da sensibilidade de Possidônio de Queiroz, mas têm como referência o lugar onde nosso personagem morou por quase toda a sua vida, uma cidade sua, porque ajudou a construí-la das mais variadas formas. “A cidade é sempre uma obra humana,” as de Possidônio continuam sendo, mas nasceram dos sonhos, desejos, imaginação e da pena de Possidônio Nunes Queiroz.

ARTIGO RECEBIDO EM 18 DE OUTUBRO DE 2012. APROVADO EM 15 DE JANEIRO DE 2013

³⁰ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 19.